

Desporto

Pranchas em madeira: *back to basics* ou o esplendor do surf sustentável

Natureza José Antunes dedica-se a construir pranchas de *surf* em madeira. Tudo, porque acredita que é possível curtir as ondas sem um pedaço de material poluente debaixo dos pés

Miguel Sampaio

miguel.sampaio@jornaldeleiria.pt

■ Destrua as ondas, não as praias. Esta frase do tempo da Maria Cachucha define bem qual o espírito que rege a maioria dos surfistas. No entanto, estes desportistas, que por norma têm grandes preocupações ambientais, sabem que têm debaixo dos pés algo de extremamente poluente. A meio caminho entre Óbidos e Peniche, há quem procure a alternativa perfeita. O quê? Pranchas em madeira, de preferência portuguesa.

É na Amoreira que José Antunes tem o seu atelier. É dali que já saíram as mais de duas dezenas de tábuas que, garante, dão absoluto prazer a quem as comprou. Todo começou há coisa de cinco anos, quando tentou uma alternativa caseira a uma prancha de *kitesurf*. O resultado entusiasmou-o e quando ficou desempregado, há coisa de dois anos, decidiu que este poderia ser um caminho a seguir.

Os principais clientes são os “puristas do surf, que gostam mais do surf clássico, dos 30 anos para cima”. No fundo, o que ele quer é fazer com que um surfista seja alguém preocupado com a sustentabilidade do planeta, debaixo dos pés até à cabeça. É que o polipropileno, com que são construídas as típicas pranchas, é extremamente poluente. “É derivado de petróleo e não tem reciclagem. Numa altura em que o surf está na moda, imagine o que é toneladas e toneladas de pranchas que são feitas com aquele material. O processo de produção é super-poluente, não se sabe o que se há-de fazer com os resíduos de fabricação e com as pranchas que se partem. E os milhões de surfistas que há? Onde é que isto vai parar?”

Nesta comunidade que se diz tão ecológica, “cai mal” tão pouca preocupação com o destino das pranchas, que são consumidas cada vez mais rapidamente, diz José Antunes, de 33 anos. “É quase como mudar de camisa e o pessoal esquece-se do impacto ambiental que tem.”

Esta é uma preocupação que, de resto, também assiste António José Correia, presidente da Câmara de Peniche, a Meca do *surf* em Portugal. Na apresentação dos novos centros de investigação do Instituto Politécnico de Leiria, o CDRsp, na Marinha Grande, e o CETEMares, em Peniche, comentou



Um golden retriever, uma pão-de-forma e uma prancha em madeira. A forma de vida de José Antunes

Quer fazer a sua prancha?

Oca por dentro e construída de forma artesanal e sustentável

A Yoni Ecosurfboards - a empresa de José Antunes - tem como filosofia divulgar as questões de ecologia e sustentabilidade. “A construção das pranchas e toda artesanal”, garante. Uma tábua, dependendo da modalidade, pode demorar de 60 a 120 horas a ser concluída e é constituída por mais de 200 peças. São “extremamente leves”, porque é utilizada a técnica *hollow*. A prancha é oca e leva uma estrutura em forma de espinha por dentro e um forro de madeira por fora. A laminação é feita com *epoxy* orgânico, mais caro do que o que em poliéster, mas que “assenta muito melhor” na madeira. “As pranchas ficam mais leves e resistentes.” A única questão que ainda deixa as de madeira em desvantagem relativamente

às de polipropileno é a “flexibilidade”, algo que tem vindo a ser mitigado com o aperfeiçoamento da técnica de José Antunes. “O pessoal pode ter medo que não resulte, por isso tem de ir para o mar

experimentar e de certeza que irão gostar”, conclui. E se quiserem, podem ser os próprios a fazer a prancha com a orientação de José Antunes. Será o sonho de qualquer surfista, não?



com os responsáveis dessas estruturas que seria interessante estudar saídas para este problema. “Tal como os pneus usados são aproveitados, deixei a sugestão - e acredito que vai ser bem recebida - de se estudar soluções para as pranchas inutilizadas, seja para o tratamento como resíduo, seja pelo seu reaproveitamento.”

Back to basics. É esta a solução encontrada por José Antunes. As pranchas de madeira, como se fazia no Hawaii nos primórdios. No entanto, o *shaper* toda outra preocupação e dá prioridade ao produto português. Por isso, opta por utilizar madeiras nacionais, valorizando o materiais orgânicos e recicláveis. “Comecei a pesquisar e a ver que madeiras leves temos”, diz José Antunes. “Comecei por usar madeira de choupo. Depois encontrei o cedro-japonês - que existe nos Açores - e ultimamente experimentei o agave, que me permite fazer pranchas com menos de três quilogramas.” A próxima experiência será com... cortiça.